



O LETRAMENTO LITERÁRIO NA PRÁTICA DOCENTE



LITERARY LITERACY IN TEACHING PRACTICE

EVELYN SANTOS ALMEIDA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 17/10/2021 • APROVADO EM 09/12/2021

Abstract

The present article aims to discuss literary literacy, through the identification with reading by students. In this way, students can develop a taste for literature and develop their critical sense from it. In this study, we present the theoretical basis of this literary literacy practice. To support the discussion, we use as theoretical basis Cosson (2016), Freire (1996), Kleiman (1995), Antunes (2003), and Soares (2003; 2004; 2006), scholars who have developed research on literacy and, thus, have strongly contributed to the studies in this area. We conclude that literary literacy plays a fundamental role in the formation of students/readers, and shows us a possibility of methodological strategy in the teaching of literature.

Resumo

O presente artigo objetiva discutir o letramento literário, através da identificação com a leitura pelos alunos. Dessa forma, os educandos poderão desenvolver o gosto pela literatura e desenvolver o seu senso crítico a partir dela. Nesse estudo, apresentamos a fundamentação teórica dessa prática de letramento literário. Para embasar a discussão, usamos como aporte teórico Cosson (2016), Freire, (1996), Kleiman (1995), Antunes (2003), Soares (2003; 2004; 2006), estudiosos que desenvolveram pesquisas sobre letramentos e dessa forma, contribuiram ferrenhamente para os estudos nessa área. Concluímos que o letramento literário desenvolve um papel fundamental na formação de alunos/leitores, e nos mostra uma possibilidade de estratégia metodológica no ensino de literatura.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Literary literacy. Language. Teaching of literature.**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento literário. Linguagem. Ensino de literatura.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do letramento literário visa à apropriação da literatura enquanto linguagem, este objetivo poderá ser facilmente alcançado através da identificação com a literatura. Com isso, haverá a possibilidade de eficácia da apreciação à leitura, desenvolvimento de criticidade e formas de enxergar, viver e se comportar no mundo. A reflexão no uso da literatura, com o foco no letramento literário para a construção de uma comunidade de leitores, de maneira que eles ultrapassem o simples consumo do texto literário, o leitor deve, ao ler uma obra literária, ser capaz de identificar seu eu cotidiano mesmo em obras canônicas. É necessário que a literatura seja uma prática iniciada através do interesse do leitor, partindo do conhecido para o desconhecido. Conforme pontua Zilberman (2009) “Literatura é uma manifestação artística que supõe uma experiência sensível por parte do leitor, envolvendo seu gosto e suas emoções” (ZILBERMAN, 2009, p. 14). Dessa forma, o leitor conseguirá construir um sentido.

Para tanto, é preciso que haja um intermédio entre obra e letramento literário, isto é, romper com as barreiras que o cânone determina como literatura “inferior” ou “superior”.

Letramento literário é o processo pelo qual estão envolvidas as ações e noções de escrita e leitura (COSSON, 2016), em que a fusão de ambas alia diversos conhecimentos e informações à interpretação do contexto tanto do texto trabalhado quanto do leitor (SOARES, 2005). Magda Soares destaca a distinção entre o processo de alfabetização e o processo de letramento, para que um não seja confundido com o outro, pois são processos diferentes e para que a nomenclatura letramento não retire a especificidade do processo de alfabetização:

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento (SOARES, 2003, p. 90).

De acordo com Paulino (1998) o letramento literário pode ser entendido assim: “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal

de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela” (PAULINO, 1998, p.16). O pesquisador também destaca:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (PAULINO, 1998, p. 56).

Para Soares (2005) e Cosson (2016), tratam de: conhecimento, comunicação e interação entre as pessoas em que o mundo, dessa forma, fará sentido ao educando; e a escola é o intermédio de efetivação do Letramento literário. Além disso, para que esse fenômeno ocorra com sucesso, a alfabetização – onde se iniciam leitura e escrita – é necessária a não contribuição para a “domesticação” do indivíduo, mas sim libertá-lo, conscientizando e transformando a realidade (FREIRE, 1989).

As opiniões de Cosson (2016), Soares (2005) e Freire (1989), inferem-se três processos distintos, porém, complementares: alfabetização, letramento e letramento literário; estes dependem do aluno, da sociedade e da escola para que ocorram de modo a ultrapassar os aspectos gráficos de leitura e pontos de coordenação motora fina, referente à escrita.

A leitura de mundo, “palavramundo”, conforme Paulo Freire (1989), não pode estar desvinculada do meio social do educando. É comum, em sala de aula, que boa parte dos alunos julgue livros antes mesmo de abri-los; indagações e reclamações são rotineiras, tais como: “Pra que isso? Nunca vou usar na vida mesmo!”, pois eles não se enxergam na literatura canônica. De acordo com Antonio Candido (2006), a literatura socializa os impulsos mais íntimos do ser humano, então por que essa arte, cuja relevância para o viver é estrondosa, não tem maior alcance entre os jovens, por exemplo? Como disciplina em que a metamorfose é experiência profunda para obter o letramento literário (COSSON, 2016), não só a experimentação estética dá conta. Rodrigo Priante Ugá explica que:

Por sua própria imaturidade enquanto leitor, o jovem, em geral, apresenta muita dificuldade na leitura de grande número de clássicos, pois são textos com um grau de complexidade muito mais elevado. E você, professor, é o mediador que vai contribuir para que sua turma adquira hábitos leitores cada vez mais complexos (UGÁ, 2012).

Souza (2012, p.1) observa o desinteresse dos jovens do século XXI, no que diz respeito à leitura e literatura. Muitas obras literárias – desprezadas pelos acadêmicos em geral e consideradas “baixa literatura” atendem às expectativas e realidades dos alunos. De acordo com o autor, os problemas primordiais são os “objetivos pedagógicos e moralizantes”, ou seja, a escola em sentido micro e macro, nas suas práticas de ensino, “não está formando leitores para toda a vida” (p.4) e “o que seria para aproximar os jovens da literatura acaba por afastá-los” (p.4). Todavia, Souza viabiliza as ferramentas de solução para a problemática em questão: literatura de massa em sala de aula (e sua desmistificação), projetos de incentivo, participação na escolha de textos.

A escola deve visar a importância da legitimação; é comum despertar interesse à leitura desse jeito, já que a indicação de qualidade de um segundo elemento faz diferença na maneira como uma obra literária é vista (ARANHA, 2009). A pesquisadora Magda Soares também ressalta que é possível fazer uma escolarização adequada da literatura nas escolas:

Distinguimos entre uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal do leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler (SOARES 2006, p. 47).

A questão principal é como os rótulos literários de alta, média e baixa literatura tornam mínima a acessibilidade a essa arte, como fosse para poucos.

Como explicita Freire (1996) a importância da leitura serve para que a classe dominada saia de sua condição: a literatura, seguindo essa lógica, tem o mesmo papel.

Destarte, os desafios da escola são: não desumanizar ou mecanizar a literatura, pois é uma espécie de viagem onde acontecem práticas sociais (COSSON, 2016). Há, na atualidade, supervalorização da imagem em detrimento da literatura (agrupa os campos da irregularidade e da criatividade); na perspectiva de alguns linguistas, no contexto contemporâneo, o fator “tempo corrido”, presente desde a Revolução Industrial, determina também o fato dela ser “obsoleta”.

Contudo, argumenta que no ambiente escolar são indispensáveis textos literários que envolvam os interesses da tríade criança-professor-escola, para a eficácia do letramento literário. Por isso, nada mais essencial que estimular não só a leitura, mas também as interpretações, os sentidos e sentimentos em relação aos textos e ao mundo, sejam eles orais ou verbais.

Acerca do letramento, Kleiman (1995) ressalta uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as

atividades específicas de ler ou de escrever. Assim, para a autora, o letramento é um conjunto de práticas sociais que perpassam a escrita:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes (KLEIMAN, 1995, p.20).

Coelho (2000) compreende o discurso de poder cuja preciosidade literária tem composição arbitrária de cunho ideológico; a linguagem, na obra, expressa o individual e o universal: o leitor vê formas de superar os desafios da vida, a magia é mediadora entre real e imaginário, a metáfora. Por fim, Todorov (2009, p.76) reitera que “A literatura pode muito. Ela pode estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”.

2. ESCRITA E LEITURA ATRAVÉS DOS GÊNEROS LITERÁRIOS PARA INICIAÇÃO DOS ALUNOS NAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

Escrever é a forma mais antiga de informação e comunicação da história da humanidade. É um sistema que permite gerar vários sistemas alfabéticos não apenas para estabelecer comunicação, mas também para armazenar e gerenciar informações e conhecimento.

Sabe-se que a leitura e a escrita são ferramentas imprescindíveis para o indivíduo se inserir na sociedade atual, devido às exigências cobradas no mundo contemporâneo, uma vez que, aquele que está mais apto a lidar com essas duas competências compreende o lugar que ocupa e que está inserido no mundo. Por meio da escrita é que os alunos desenvolvem a diversidade de suas ideias, pensamentos e expressam-se sobre visão de mundo. É de extrema importância que o educando saia do Ensino Fundamental para séries mais avançadas dominando as regras básicas de escrita, mas para que haja essa habilidade é necessário e indispensável que a leitura esteja encadeada nesse processo (NOGUEIRA E SILVA, 2018, p.3).

Agora, escrever não é um fim em si mesmo. É um meio para aprender ou dar sentido à existência. Porque a escrita é uma forma de existir, de construir e reconstruir o próprio mundo. É a possibilidade de crescimento contínuo e não uma habilidade simples, já que a escrita, além de servir como ponte para conhecer ou dar a conhecer, também reforma a consciência, isto é, que a expressão escrita tem efeitos nos pensamentos e sentimentos de quem a emite. Nesse sentido, escrever “descobre o profundo significado de nossas ações, de nossas atitudes e de nossos sentimentos: a escrita não é apenas um canal de externalização, mas também uma forma de internalização”.

Para alguns, a escrita corresponderia à fala por escrito. Nesse sentido, desde a Antiguidade já haveria seu desenvolvimento, com o registro da oralidade épica, em que se descreviam ações e paixões. Uma parte significativa de autores, entretanto, sustenta que a escrita seria uma nova forma de comunicação, que trouxe uma semiótica e formas de discurso novas. Olson sustenta que a escrita apresenta a elaboração de um novo modelo conceitual para o discurso, por nos permitir perceber não só os elementos linguísticos, mas também as estruturas em que esses elementos se inserem. O desenvolvimento dessa forma de comunicação inovadora teria ocorrido durante a Idade Média com a intensificação do trabalho de copistas e estudiosos, o que configuraria a base notacional do livro e do texto atual: separação entre palavras, parágrafos, capítulos, numeração de páginas e outros organizadores da leitura através da escrita. Tais aspectos formais também teriam contribuído para o desenvolvimento cognitivo dos aprendizes nas sociedades da escrita (ROCHA, 2010, p.124).

Como um processo de ensino-aprendizagem, no campo educacional, a escrita foi estabelecida como um assunto, através do qual os alunos são oferecidos elementos gramaticais e estratégias de composição escrita. Pretende-se desenvolver habilidades de comunicação adequadas para um melhor aproveitamento do trabalho acadêmico-científico. Portanto, escrever não é apenas uma questão para "ver" ou ensinar.

É um instrumento necessário em todas as disciplinas - nas quais, possivelmente, não está sendo usado - porque a escrita é uma maneira de aprofundar a compreensão disciplinar e avaliar o escopo ou os limites conceituais de um determinado assunto. Em geral, juntamente com a leitura, a escrita é uma condição primordial no processo de ensino-aprendizagem.

A leitura e a escrita são condições para manter as possibilidades individuais de aprendizagem e atualização nos diferentes contextos de atuação, constituem caminhos de acesso à informação e ao conhecimento e contribuem para a criação e produção da subjetividade; portanto, deve-se presumir que, mais do que sujeitos

ou sujeitos, eles são componentes transversais de qualquer processo de formação humana e pedagógica.

Explorar de forma dinâmica a leitura e a escrita no âmbito escolar são fundamentais, haja vista que os alunos já estão saturados, cansados, da rotineira reprodução e repetição de metodologias voltadas para essas modalidades. Propor atividades, nas quais os alunos possam interagir, intervir, questionar, participar de forma efetiva, dando opiniões acerca de determinada temática é uma das formas de fazê-los compreender que eles são responsáveis por sua própria aprendizagem (NOGUEIRA E SILVA, 2018, p.2).

Projetada como um instrumento, a escrita é uma construção humana. Hoje, constitui um instrumento cultural que continua a evoluir e que permite o desenvolvimento material e psicológico. Portanto, o uso desse recurso não apenas “impulsionou e moldou” a atividade intelectual, mas pode enriquecer a psique humana, desenvolver o espírito humano, intensificar sua vida interior. Escrever é uma tecnologia internalizada. E isso não só tem um impacto individual.

A atividade da leitura complementa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor (ANTUNES, 2003, p. 67).

As razões que levam à escrita são diversas, podem ser de cunho ou razão intelectual, social, cultural para estética e moral. Isso, precisamente pelos benefícios indiscutíveis que surgem: consolo ou prazer estético, instrução, trabalho, aprendizado, significa ordenar ou esclarecer ideias.

Leitura e a escrita são fatores essenciais, uma boa leitura leva a uma boa escrita. Por isso é necessário à conscientização de tais princípios, para isso o professor é de fundamental importância no processo de colaborar para que os alunos sejam bons leitores, ele tem o papel de mediador, de acompanhar o desenvolvimento dos alunos, selecionando leituras para as faixas etárias conforme as idades (NOGUEIRA E SILVA, 2018, p.4).

O uso da escrita como instrumento de ensino-aprendizagem, no entanto, implicaria que o professor assume o desafio de não apenas treinar na respectiva disciplina, mas também de ajudar a desenvolver nos seus alunos atitudes e

competências que lhes permitam compreender e problematizar conteúdo de seu campo disciplinar. Dessa forma, a prática da escrita contribuiria para que os estudantes assumissem a responsabilidade por seu crescimento na aprendizagem, com base no reconhecimento da escrita como o principal instrumento do processo.

Ao lidar com o processo de leitura, decodificação e compreensão da leitura são duas áreas de importância fundamental. A decodificação está na identificação do símbolo escrito, através da conexão entre o som e sua representação gráfica. Por outro lado, o entendimento consiste em entender o texto, construindo seu significado a partir do que é lido para os quais uma série de processos cognitivos complexos são usados, como a recuperação de informações na memória de longo prazo, memória de trabalho, inferências, monitoramento da própria compreensão durante a atividade de leitura e inibição ou supressão de material sem importância. (GARCIA, 2010):

São situações didáticas adequadas para promover o gosto de ler e privilegiadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, constituição de padrões de gosto pessoal, rastreamento da obra de escritores preferidos, etc. (...). Nas atividades sequenciadas de leitura pode-se, temporariamente, eleger um gênero, um determinado autor ou um tema de interesse (BRASIL, 1997, p.46).

A compreensão da leitura é essencial para o aprendizado de diferentes disciplinas no ambiente escolar: das que abordam questões sociais à matemática e, portanto, para o desempenho geral dos alunos, sem mencionar o papel que ela desempenha na autoeducação e na educação, portanto, no acesso a uma ampla gama de informações. Além disso, sua importância não para por aqui: quando vamos ao local de trabalho, a maioria dos empregos possui, de uma maneira ou de outra, um componente de leitura, portanto esse tipo de entendimento também desempenha um papel crucial no ensino (FAULSTICH, 1994).

A obra literária é, em princípio, uma criação artística, mas quando usado nas aulas, desperta possibilidades didáticas de treinamento de idiomas, porque em seu discurso, as convenções do uso cotidiano estão ligadas aos usos particulares da natureza estética e criativa, para que o gênero literário apresente, ao mesmo tempo, os elos com o que é normativo e com o que é pragmático (COELHO, 2000).

A leitura literária - do Ensino básico ao Ensino secundário - deve recair na diversidade da literatura através do tempo, do espaço e das culturas. Não se trata de “impingir aos alunos um saber enciclopédico sobre autores e obras, trata-se de construir no aluno a sensibilidade para a leitura literária que favoreça a perspectiva histórica da obra, a descoberta de si e uma melhor consciência e compreensão do mundo. Iniciar o aluno no

patrimônio literário é lançar as bases sólidas de uma competência cultural e estética (FIGUEIREDO, 2005, p.72).

O gênero literário se torna importante, também, no ensino de línguas estrangeiras, porque além de cumprir seus propósitos recreativos e estéticos, pode assumir outros papéis na formação do estudante, pois traz consigo um valor cultural, pragmático e sociolinguístico. Permite ao aluno aperfeiçoar uma série de elementos que o levam a um amplo domínio do idioma de destino exemplo: desenvolver habilidades de leitura; expandir o domínio do léxico; ter acesso a vários registros linguísticos; aprimorar a habilidade de escrever; incentivar discussões significativas que ajudam no desenvolvimento da capacidade oral, entre outras vantagens (CANDIDO, 2006).

Acreditamos, então, que alguns gêneros literários, especialmente o mais contemporâneo, funciona como um suporte escrito, onde podemos observar a presença da linguagem cotidiana e verificar se podemos transmutar parte de sua estrutura à prática conversacional, ou seja, serve como uma ferramenta para ajudar a construção de um discurso mais autêntico. “É necessário, sempre que possível, ‘atualizar’ o texto literário, entendendo que não há compreensão original ou sentido único a ser atingido. Todo texto pede para ser reinventado” (DALVI, 2013, p.89).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos a importância do letramento literário na formação dos alunos na educação básica, através do ensino de literatura. Pois, a compreensão da leitura é essencial para o sucesso acadêmico de qualquer aluno. E alcançar um entendimento adequado do que é lido também é muito importante no local de trabalho. No caso da história, é um tópico obrigatório nos vários níveis do sistema educacional. A partir da prática da leitura e da escrita são criadas as possibilidades de identificação dos componentes e na articulação interna desse gênero narrativo, pois exigem um ensino explícito de estratégias que lhes permitam detectar e entender essa conformação.

A leitura é um processo cognitivo através do qual uma interação é estabelecida entre o leitor e o texto, e gera uma compreensão dela através do reconhecimento da ideia principal ou ideias que ele fornece e da mensagem que o autor transmite, o que origina a reconstrução de significados ou conhecimentos, de acordo com a capacidade interpretativa e o interesse do leitor. A leitura é uma habilidade que as pessoas adquirem através da aprendizagem de códigos, imagens e sinais que lhes permitem interpretar e entender um texto; ler é saber entender uma escrita.

A leitura é o meio pela qual a linguagem escrita é entendida. O texto, sua forma e conteúdo interferem na compreensão, assim como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Saber ler não é apenas decodificar um conjunto de grafias e pronunciá-las concretamente, mas sim entender o que é lido,

ser capaz de interpretar as contribuições do texto e construir seu significado global. Isso envolve identificar a ideia principal do autor, o objetivo que o leva a desenvolver o texto e a estrutura que ele usa.

Também devemos levar em consideração a contribuição da teoria pragmática para o estudo da gêneros, pois favoreceu o deslocamento do foco de atenção da estrutura para a função, para o uso, para desempenho social. Por esse motivo, essa teoria foi importante para o reconhecimento de que o uso da linguagem é uma maneira de agir socialmente, de interagir com o outro, e que esse fato ocorre apenas tendo o texto como instrumento, literário ou não literário.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 68 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento).

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

DALVI, M. A. **Literatura na escola: propostas didático-metodológicas**. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, Rita. *Leitura de literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

FAULSTICH, E. L. de J. **Como ler, entender e redigir um texto**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FIGUEIREDO, Olívia. **Didática do Português Língua Materna: dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas**. Porto, Portugal: Asas, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIRON, Luís Antônio. **Elas não são idiotas**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT479197-1666-1,00.html>. Acesso em: 16 de março de 2021.

KLEIMAN, ANGELA B. (orgs.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995,

LOURENÇO, D. S. Adolescentes leem, sim: a circulação da literatura estrangeira na escola. In: **COLÓQUIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS UNESP**, II., 2010, Assis. Anais... Assis: UNESP, 2010. p. 372-383.

NOGUEIRA Simone Vinhork; SILVA, Ariceneide Oliveira da. **Leitura e escrita: uma experiência através do PIBID**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2018.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**. v. 17, n. 001, p.47-62. Braga: Universidade do Minho, 2004.

ROCHA, Helenice. A escrita como condição para o ensino e a aprendizagem de história. **Revista Brasileira de História**, 2010, vol. 30 n. 60, p. 121-142.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF**. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A.M.; BRANDÃO, Heliana M.B.; MACHADO, Maria Z. V. (ORG.) **Escolarização da leitura literária**. 2ª. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Danilo Fernandes Sampaio de. A influência da literatura de massa na formação do leitor adolescente. In: **Anais do III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil**, 2012, Porto Alegre. III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

UGÁ, Rodrigo P. **Cinco respostas sobre o uso de best-sellers em sala de aula**. Revista Nova Escola, 27 fev. 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da literatura I**. Curitiba: IESDE, 2009.

Para citar este artigo

ALMEIDA, E. S. O letramento literário na prática docente. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 8, 2021, p. 265-276.

A autora

EVELYN SANTOS ALMEIDA é doutoranda bolsista CAPES no Programa de Pós Graduação em Letras/ UFES.